A MOBILIDADE MARITAL NO CONCELHO DE CAMINHA (1615-1910). DINÂMICAS NUPCIAIS ENTRE A SERRA, VALES, LITORAL, RIOS E A GALIZA

AURORA BOTÃO REGO* Manuela silva**

Resumo: O concelho de Caminha caracteriza-se pela diversidade da paisagem natural, onde litoral, vales, serra e a passagem de três rios lhe ditaram a sua identidade. Neste artigo analisa-se a mobilidade matrimonial em 18 paróquias do concelho, a interação nupcial entre comunidades vizinhas ou afastadas, a permeabilidade marital transfronteiriça e, consequentemente, o grau de encerramento ou alargamento do mercado matrimonial concelhio ao longo de três séculos.

Condicionamentos como a proximidade com a vizinha Galiza, a morfologia do território e as condições climatéricas, o grau de isolamento das comunidades, a proximidade das linhas de água, a mobilidade e a especialização profissional das populações masculinas, estratégias de sobrevivência, reprodução social e alargamento do património, o género dos nubentes, a diversificação das atividades económicas, entre outros aspetos, podem estar na origem dos movimentos de mobilidade marital no concelho de Caminha.

A fonte privilegiada de análise é constituída pelas séries agregativas de registos paroquiais de casamento de cada comunidade. Os movimentos globais de matrimónio, ao longo do período em análise, permitem aferir da estagnação ou crescimento populacionais e, assim, do grau de atratividade exercido pelas paróquias sobre o exterior e, em geral, do concelho de Caminha.

Palayras-chave: Concelho de Caminha: Galiza: Nupcialidade: Exogamia.

Abstract: The Caminha County is characterised by the diversity in its natural landscape where the coast-line, valleys, mountains, and the bed of three rivers formed its identity. In this article, we analyze the matrimonial mobility in 18 parishes of the county, the marriage interaction between neighbouring or remote communities, the cross-border marital permeability and, consequently, the degree of closure or enlargement of the marital market within the council over three centuries.

Conditionings such as the proximity to neighboring Galicia, the morphology of the territory, the degree of isolation of the communities, the proximity to the water lines, the gender of those of age to be married, the mobility and professional specialization of the males, strategies for survival, social reproduction and the growth in the patrimony, the divergence in economic activities, among other aspects, may have been the source of inbreeding and exogamous behaviors.

The main source of analysis is based on the aggregative series of parochial marriage records for each community. The global marriage movements throughout the period now being studied allows us to measure population stagnation or growth and to gauge the degree of attractiveness projected outside the county.

Keywords: County of Caminha; Galicia; Nuptiality; Exogamy.

^{*} Investigadora do «Grupo de Populações e Saúde», CITCEM/FLUP. Email: aurorarego@gmail.com.

^{**} Investigadora do «Grupo de Populações e Saúde», CITCEM/FLUP. Email: mmtfs_125@sapo.pt.

1. FONTES E MÉTODOS

Desde a Época Moderna à Época Contemporânea, os registos paroquiais estão regulamentados por regras provenientes de normas sinodais e canónicas que orientam a sua anotação em livros específicos para os principais sacramentos registados na paróquia¹.

Reportando aos documentos necessários para a análise da exogamia e endogamia matrimoniais neste estudo, estes concentram-se nos assentos de casamento dos nubentes em contexto eclesiástico e nas informações sobre a data da união, naturalidade dos nubentes, local de casamento e residência.

O formulário dos assentos de casamento foi evoluindo. Algumas informações só aparecem de forma sistemática a partir do Decreto de 19 de agosto de 1859², o qual determinou que os assentos de casamento deviam incluir, especialmente, a idade dos nubentes, estado civil e o lugar de origem. Constituiu a primeira norma legal a regular o registo paroquial que antes se fazia de acordo com as constituições de cada bispado. Com a informação que dispúnhamos fomos constituindo a biografia dos indivíduos ao casamento. A resposta demográfica sobre o número de nubentes, quando e aonde, bem como a sua relação com outros fatores que influenciaram a nupcialidade, abarcam uma ampla gama de condicionantes quer «culturais e económicos passando pelos políticos e religiosos»³.

Para o estudo dos casamentos das freguesias do concelho de Caminha utilizaram-se, sobretudo, os livros conservados no Arquivo Distrital de Viana do Castelo⁴, em particular, a partir de 1615, ano em que existem dados sólidos e consistentes sobre o concelho. Dos referidos registos extraiu-se sistematicamente a informação relativa às paróquias de residência dos nubentes.

A observação da origem geográfica dos noivos, segundo os registos de casamento, permitirá compreender se a mobilidade nupcial se encontra associada, entre outros fatores, à localização geográfica das comunidades ou se esta permite alternância marital entre a parte montanhosa, vales, rios ou litoral, por exemplo. Da comparação de comportamentos entre comunidades, resultará uma visão ampla sobre a mobilidade matrimonial no concelho de Caminha. Consideramos uma união exogâmica aquela que diz respeito a qualquer indivíduo de fora, isto é, um casamento em que um dos cônjuges não é natural ou residente na comunidade. Por outro lado, a união endogâmica refere-se a um casamento entre cônjuges oriundos da mesma freguesia. Esta, com um sentido muito agudo de comunidade rural, tanto facilita o alargamento como restringe o mercado matrimonial⁵.

¹ BLANCO CARRASCO, 2012: 27-28.

² REBELLO, ed., 1896: 366.

³ VALERO LOBO, 1984: 40-41.

⁴ ADVCT — *Registos Paroquiais*, Livros de Registos de Casamentos do concelho de Caminha (1615-1910).

⁵ O'NEIL, 1984: 294.

2. TERRITÓRIO DO CONCELHO DE CAMINHA

Com uma superfície de 129,66 km², o concelho de Caminha localiza-se no distrito de Viana do Castelo (atual NUTS III). O seu território encontra-se limitado a oeste pelo oceano Atlântico, a norte pelo rio Minho e pela Galiza, a este pelos concelhos de Vila Nova de Cerveira (VNC) e de Ponte de Lima (PL) e, a sul, por Viana do Castelo (VCT). O território, caracterizado por uma grande diversidade de paisagem e de morfologia, foi dividido em cinco áreas distintas — Serra d'Arga, Vale do Âncora, Vale do Coura, zona litoral e zona ribeirinha.

Até aos inícios do século XX, três paróquias encontravam-se isoladas na Serra d'Arga, maciço montanhoso com uma altitude de 825 metros — Arga de Cima, Arga de Baixo e Arga de São João.

Os rios Âncora e Coura deram origem a vales de igual designação. No Vale do Âncora, caracterizado pelo acidentado das faldas da Serra d'Arga onde a pequena propriedade impera, inserem-se as freguesias interiores de Vile, Riba d'Âncora, Orbacém, Gondar e Dem⁶. Neste vale granítico, a especialização profissional masculina ligou-se às artes de pedraria e cantaria⁷. No Vale do Coura, onde a morfologia do terreno se apresenta mais plana, coexistem as comunidades de Venade, Argela e Azevedo onde se encontram grandes quintas agrícolas.

A frente litoral atlântica engloba quatro paróquias — Âncora, Vila Praia de Âncora, Moledo e Cristelo — cuja economia, paradoxalmente, se centrava na agricultura de subsistência. O rio Minho, que corre entre as margens da Galiza e do Alto Minho, vem desaguar à sede concelhia. Caminha, Vilarelho, Lanhelas, Seixas e Vilar de Mouros constituem o núcleo ribeirinho com maior pendor para a pesca fluvial, bem como para o transporte marítimo e de barcagem.



Fig. 1. Concelho de Caminha Fonte: Município de Caminha

⁶ Dem foi elevada a freguesia pelo Decreto-Lei n.º 48590 de 26 de setembro de 1968. Até então, o seu território encontrava-se dividido entre as freguesias de Orbacém e de Gondar.

⁷ REGO, 2013a: 215-298.

Utilizando os registos paroquiais de casamento, observámos todas as famílias que contraíram uniões dentro do concelho no período entre 1615 e 1910. Sabemos que era tradição nesta região o casamento efetuar-se na paróquia da noiva. A análise da fixação e evolução dos novos núcleos familiares está em curso com o Repositório Genealógico do concelho de Caminha, segundo o método de Amorim⁸.

Este levantamento de casamentos devolveu-nos um total de 17 323 uniões (Anexo 1), do qual resultou o movimento global observado no Gráfico 1. Da sua análise, podemos observar que, após um movimento ascendente no volume de casamentos até às primeiras décadas do século XVIII, se seguiu um significativo decréscimo até meados do século seguinte, estagnação esta que será somente superada a partir de 18509.

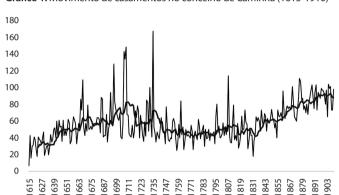


Gráfico 1. Movimento de casamentos no concelho de Caminha (1615-1910)

Fonte: ADVCT — *Registos Paroquiais*, Livros de Registos de Casamentos do concelho de Caminha (1615-1910)

3. A MOBILIDADE MARITAL NA SERRA D'ARGA

Isoladas do concelho, em contínuo risco de sobrevivência, as três comunidades da Serra d'Arga viveram em precárias condições durante séculos. As descrições existentes nas Memórias Paroquiais de 1758¹⁰, elaboradas em data central do período em análise, auxiliam na compreensão das condições morfológicas e climatéricas então vividas. O pároco de Arga de Baixo referiu que «não há coisa notável de que faça relação,

⁸ AMORIM, 1991: 7-25. O Repositório Genealógico do concelho de Caminha, coordenado por Aurora Botão Rego, será integrado no Repositório Genealógico Nacional (RGN). Disponível em http://www.genealog.uminho.pt/. [Consulta realizada em 03/04/2019].

⁹ O lançamento dos registos não se apresentou simultâneo no concelho e existem livros desaparecidos em algumas paróquias, como é o caso de Lanhelas cujos assentos se iniciam em 1831, razão pela qual não foi estudada. Algumas paróquias apresentam precocidade no seu lançamento (finais do século XVI), cujos registos também não foram estudados, evitando-se distorções de análise. Convencionou-se, assim, iniciar este estudo em 1615.

¹⁰ CAPELA, coord., 2005: 109-146.

nem memória por ser a terra mais miserável e pequena que há no termo de Caminha». O pároco de Arga de São João destacou: «situada em uma montanha de terra alta, distante das mais povoações [...] a maior parte é fraguedo de penedos, a outra parte é monte maninho [...] fria e desabrida sujeita a todos os ventos». De idêntico teor é a descrição de Arga de Cima: «situada em um monte alto, pouco plano [...] não é abundante mais que fria de natureza por ser muito alta».

O movimento comparado de casamentos (Gráfico 2) revelou, como é próprio de paróquias de pequena dimensão, oscilações ao longo de todo o período, mas conservando uma secular estabilidade marital. A paróquia de São João d'Arga constituiu a única exceção. Localizada na descida da serra, ostenta um maior volume de casamentos, mercê da aproximação às populações do vale e, consequentemente, de um mercado matrimonial mais amplo.

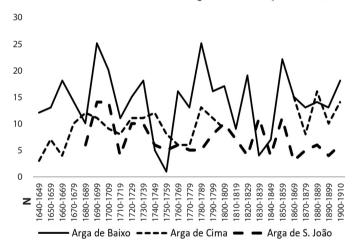


Gráfico 2. Movimento de casamentos nas freguesias serranas (por décadas)

Fonte: ADVCT — Registos Paroquiais, Livros de Registos de Casamentos do concelho de Caminha (1615-1910)

A altitude da serra condicionou o acesso ao casamento (Anexo 2). No cume, a freguesia de Arga de Cima revelou o valor mais elevado de endogamia, em todos os períodos, com uma média geral de 68,2% por comparação com a freguesia de Arga de Baixo na meia encosta (57,2%) e de Arga de São João perto do sopé (39,6%). Os nubentes masculinos do exterior prevaleceram em todos os casos comparativamente aos femininos e, à medida que se encurta a distância do cume até ao vale, sobe o seu número devido ao alargamento do mercado matrimonial (24,8%, 33,7% e 42,1%, respetivamente). Foi igualmente em Arga de São João que se encontrou o maior volume de noivas e casais do exterior que ali foram contrair laços matrimoniais.

As populações procuraram noivos nas comunidades mais próximas, mesmo não pertencendo ao termo concelhio (Tabela 1). Chegaram a Arga de Cima e a Arga de Baixo nubentes predominantemente de paróquias vizinhas, localizadas na vertente oposta da serra e pertencentes aos concelhos vizinhos de Ponte de Lima, Vila Nova de Cerveira e Viana do Castelo. O contrário aconteceu em São João d'Arga. Os nubentes do exterior eram maioritariamente oriundos de freguesias localizadas ao redor do sopé da serra e viradas ao concelho de Caminha. Os consortes oriundos de outras áreas geográficas apresentaram valores residuais nas três paróquias. Realce-se ainda que nenhuma noiva de outros concelhos (que não o próprio ou limítrofes) aqui veio contrair matrimónio.

Tabela 1. Origem dos nubentes de fora nas freguesias serranas (1615-1910)

Ovisson des Nichentes de Fere	Arga d	e Cima	Arga d	e Baixo	Arga de S. João		
Origem dos Nubentes de Fora	Н	M	Н	M	н	М	
Concelho de Caminha	45,5	26,7	57,4	34,5	82,6	63,3	
Concelhos vizinhos (PL, VNC, VCT)	49,1	73,3	38,2	65,5	15,9	36,7	
Outros concelhos do Alto Minho	1,8	0,0	3,7	0,0	0,0	0,0	
Resto do país	3,6	0,0	0,7	0,0	1,5	0,0	
Total	100	100	100	100	100	100	

Fonte: ADVCT — Registos Paroquiais, Livros de Registos de Casamentos do concelho de Caminha (1615-1910)

4. A MOBILIDADE MARITAL NO VALE DO ÂNCORA

O rio Âncora nasce na Serra d'Arga e empresta o seu nome ao Vale acidentado e de propriedade fragmentada. As freguesias de Gondar e de Orbacém, encravadas entre a Serra e o Vale, encontram-se implantadas ao longo da via medieval interior (que ligava Ponte de Lima a Vilar de Mouros e seguia rumo a Valença), enquanto que Vile e Riba d'Âncora se localizam, perpendicularmente, ao longo do rio e em direção ao litoral. Somente nas primeiras décadas de Novecentos, será rasgada a estrada que ligará o litoral ao interior do Vale.

Novamente as Memórias Paroquiais nos elucidam quanto ao território. O vigário de Gondar referiu que a sua paróquia ficava situada «em vale sombrio com os empinados montes donde se não descobre senão um monte alto da serra de Arga». Já em Orbacém «os frutos que colhem os moradores desta terra são algum centeio, milho, vinho, isto tudo em pouca abundância por serem montes ásperos» e o rio Âncora possuía muitos engenhos

de moagem «e mais pudera ter se tivera que moer e pisoar». O pároco de Riba d'Âncora destacou a extraordinária mobilidade masculina: «saem todos os homens a trabalhar para Lisboa e fora do reino e se recolhem todos os anos com algum dinheiro para ajudar a sustentar a família e somente ficam em casa os homens velhos. E as mulheres fazem todo o serviço das sementeiras». Em Vile, o cura destacou a aspereza do território no «braço da serra aonde chamam São Pedro de Varais [...] monte lavado de todos os ventos [...] incapaz de cultura ou de produzir mais do que tojo ou carrasco».

Após o levantamento dos casamentos das paróquias mencionadas, o Gráfico 3 mostra um aumento geral dos enlaces na passagem de Seiscentos para Setecentos, seguido de uma apatia geral até à viragem de Novecentos. O movimento associado a cada comunidade reflete a sua dimensão, com a freguesia de Riba d'Âncora no topo e a de Vile na base do movimento.

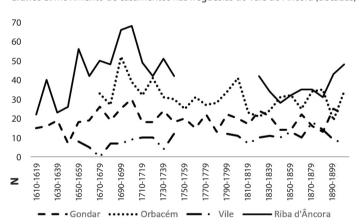


Gráfico 3. Movimento de casamentos nas freguesias do Vale do Âncora (décadas)

Fonte: ADVCT — *Registos Paroquiais*, Livros de Registos de Casamentos do concelho de Caminha (1615-1910)

Nas comunidades de Gondar e de Orbacém assistiu-se a uma estabilidade no volume de uniões em todo o período (Anexo 3 e Tabela 2). Na primeira, a exogamia girou entre 55-59% até 1849, atingindo 71% entre 1850-1901. Apesar deste último valor elevado, a origem dos nubentes de fora denuncia um mercado nupcial de proximidade (81,4%-86,5% para noivos e noivas, respetivamente). Em Orbacém, nó de confluência de caminhos antigos, assiste-se a níveis de endogamia oscilantes (entre 50-60%) e à entrada de nubentes do exterior de ambos os sexos (com prevalência dos masculinos). A sua origem divide-se entre o concelho de origem e os vizinhos de Ponte de Lima e Viana do Castelo, porém maioritariamente oriundos de paróquias contíguas.

A pequena comunidade de Vile, enfragada no Monte de Varais, desde o início da observação que lutava pela sua sobrevivência. A exogamia atingiu valores até ao máximo de 92,1%, à custa da entrada de nubentes de ambos os sexos e originários das freguesias ao seu redor (Riba d'Âncora, Âncora e Vila Praia de Âncora).

De uma comunidade maioritariamente endogâmica, Riba d'Âncora alarga o seu mercado matrimonial ao exterior entre 1850-1910 (exogamia de 64,7%). Terra de trabalhadores especializados na construção civil, caracterizados pela grande mobilidade de média e longa distância, atraiu principalmente nubentes masculinos de paróquias vizinhas do concelho de Viana do Castelo (e alguns da vizinha Galiza), repondo, assim, parte dos efetivos perdidos. À exceção da paróquia de Riba d'Âncora (a cerca de 3/4 quilómetros do litoral), nenhuma mulher do «resto do país» ou da Galiza se casou nas demais paróquias interiorizadas do Vale do Âncora.

Tabela 2. Origem dos nubentes de fora no Vale do Âncora (1615-1910)

Origem dos Nubentes de	Gor	ndar	Orba	acém	Vi	le	Riba d'Âncora		
Fora	Н	М	н	М	н	М	н	М	
Concelho de Caminha	81,4	86,5	47,0	46,4	83,1	82,4	50,0	29,4	
Concelhos vizinhos (VCT, PL)	11,2	11,5	41,3	45,5	13,4	17,6	37,1	47,1	
Outros concelhos do Alto Minho	4,1	2,0	5,3	6,5	2,1	0,0	5,1	4,7	
Resto do país	3,3	0,0	3,9	0,0	1,4	0,0	4,0	10,6	
Galiza	0,0	0,0	1,8	0,0	0,0	0,0	2,9	3,5	
Outros/indeterminados	0,0	0,0	0,7	1,6	0,0	0,0	0,9	4,7	
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	

Fonte: ADVCT — Registos Paroquiais, Livros de Registos de Casamentos do concelho de Caminha (1615-1910)

5. A MOBILIDADE NUPCIAL NO VALE DO COURA

As freguesias do Vale do Coura caracterizavam-se por uma assinalável atividade agrícola em zona de planície. Vários afluentes do rio Coura fertilizam as terras (dotadas de grandes quintas e geridas por elites de Caminha) que eram fonte de abastecimento do mercado local. Em 1758, o cura de Azevedo informava que se colhia milho grosso, feijão, centeio, trigo e vinho. A abundância de águas foi descrita pelo pároco de Argela, porque fazia «moer quinze moinhos, e mais abaixo [...], mais sete; e até ao fim da freguesia mais catorze, que por todos fazem o número de trinta e seis». Em Venade, o rol das ordenanças

de inícios do século XIX, revelou que 87,5% dos chefes de famílias se dedicavam à agricultura¹¹.

O movimento comparado das três freguesias (Gráfico 4) espelha a dimensão de cada uma, com Venade no topo e Azevedo na base, no tocante ao volume de casamentos. Novamente se observa um empolamento do volume de casamentos até às primeiras décadas de Setecentos, seguido de um movimento de letargia até cerca de 1850, momento de novo impulso marital.

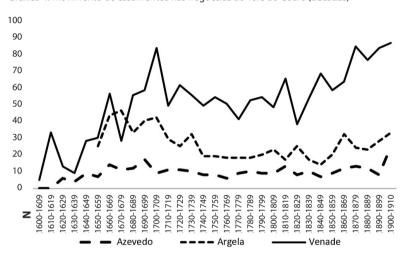


Gráfico 4. Movimento de casamentos nas freguesias do Vale do Coura (décadas)

Fonte: ADVCT — *Registos Paroquiais*, Livros de Registos de Casamentos do concelho de Caminha (1615-1910)

O grau de endogamia e origem dos nubentes podem ser observados no Anexo 4 e Tabela 3. A comunidade de Azevedo, do lado oposto do Monte de Varais e de Vile, muito modesta em população, viveu sempre na agonia da desertificação, razão pela qual a exogamia oscilou entre 63,8%-76%. Os nubentes de fora, maioritariamente masculinos, eram oriundos das freguesias vizinhas (particularmente de Venade), situadas no eixo da via medieval.

No centro do Vale encontra-se Venade, onde a maioria das quintas se impõe. A endogamia revelou-se sempre superior em todo o período (na ordem dos 54-55%). A comunidade procurou nubentes do exterior para suprir a falta de mão de obra agrícola, destacando-se a de origem galega, bem como de outros concelhos do distrito e do resto do país, incluindo um volume assinalável de 18,6% de noivas.

¹¹ REGO, 2013b: 132.

A comunidade de Argela apresentou um comportamento marcadamente endogâmico, com uma média total 67,8%. Dos nubentes de fora, campesinato principalmente oriundo de freguesias e concelhos vizinhos, destaca-se o volume de noivos galegos.

Tabela 3. Origem dos nubentes de fora no Vale do Coura (1615-1910)

Odrawa das Nakantas da Farra	Aze	vedo	Ven	ade	Argela		
Origem dos Nubentes de Fora	н	М	н	М	н	М	
Concelho de Caminha	79,6	91,2	71,9	87,6	66,5	67,6	
Concelhos vizinhos (PL, VNC, VCT)	7,6	4,4	8,6	4,9	10,3	6,8	
Restantes concelhos do Alto Minho	3,8	4,4	8,6	1,5	7,1	10,8	
Resto do país	5,2	0,0	6,0	3,2	5,8	5,4	
Galiza	3,8	0,0	4,5	2,6	10,3	4,1	
Outros/Indeterminados	0,0	0,0	0,4	0,2	0,0	5,3	
Total	100	100	100	100	100	100	

Fonte: ADVCT — *Registos Paroquiais*, Livros de Registos de Casamentos do concelho de Caminha (1615-1910)

6. A MOBILIDADE MARITAL NAS FREGUESIAS DO LITORAL

A população do litoral (atravessado pela estrada real que unia as praças militares alto-minhotas) não tirou proveito do mar até Oitocentos, a não ser a secular apanha do sargaço para adubo das terras. Aconchegada às faldas da serra, os seus centros comunitários localizavam-se a cerca de 2 km da costa. Em 1758, o pároco de Âncora queixava-se que o porto de mar não permitia desembarque «por terem parte areado e parte da costa de penedia bravia». As levadas dos engenhos no rio impediam a navegação e, na maré vaza, de tão areado, podia ser atravessado a pé. O pároco de Gontinhães (atual Vila Praia de Âncora) relatou que no «porto de mar por natureza [...] entram somente pescadores e algumas lanchas de Galiza e Caminha» e que «a maior parte da freguesia é vale e campina», tudo incapaz de cultura porque «o monte era lavado de todos os ventos e no verão principalmente é impetuoso o Norte». Em Moledo, o pároco referiu que «a freguesia está situada na falda de uma serra [...] parte de suas casas ficam na ladeira da serra, e outras, a maior parte delas, estão em o vale entre o mar e a serra». A barreira da Mata do Camarido defendia as comunidades de Moledo e Cristelo do avanço das areias, caso contrário «já não teriam estas freguesias terras em que granjeassem o seu sustento».

Analisado o Gráfico 5, verificamos movimento idêntico ao referido nos demais territórios. O aumento do movimento de casamentos torna-se exponencial em Vila Praia de Âncora. Até então terra de mestres da pedraria e de uma mobilidade masculina intensa, a partir de 1800 transformou-se em praia de banhos terapêuticos e a partir de 1825, porto piscatório. Estas duas alavancas económicas alteraram definitivamente a sua feição rural e o centro comunitário junto à encosta da serra deslocou-se em direção ao mar.

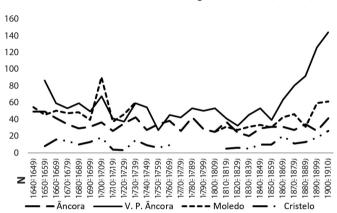


Gráfico 5. Movimento de casamentos nas freguesias do litoral (décadas)

Fonte: ADVCT — *Registos Paroquiais*, Livros de Registos de Casamentos do concelho de Caminha (1615-1910)

Se observarmos o Anexo 5 e a Tabela 4, verificamos que na paróquia de Âncora predominou a endogamia marital até 1849 (cerca de 62%-63%), altura em que nubentes do exterior se aproximaram, contrabalançando o fluxo emigratório transatlântico¹². A concentração de cerca de 40% de nubentes oriundos principalmente do concelho de Viana do Castelo relacionou-se com a pertença desta paróquia ao mesmo até à reorganização administrativa do reino em 1836.

De comunidade endogâmica (72-76%), Vila Praia de Âncora alargou o seu mercado matrimonial pelas razões referidas (exogamia final de 52,5%). Transformou-se em polo de atração de nubentes de ambos os sexos, incluindo a fixação de casais do exterior em número significativo (15,1%), quer do distrito, quer do resto do país, que vieram investir no comércio e serviços, mas, em particular, da Galiza de onde era oriunda a colónia de pescadores¹³.

¹² LAGIDO, 2004: 219-227.

¹³ REGO, 2013a: 247-258.

De freguesia rural, Moledo transformou-se em praia de banhos no final de Oitocentos, tendo o Município de Caminha gizado, a régua e esquadro, as artérias junto ao litoral. A concentração de 72%-80% de casamentos endogâmicos, desceu para 40% entre 1850-1910. A origem dos nubentes de fora, até então maioritariamente resultante de relações profissionais e familiares com a freguesia de Cristelo, diversificou-se no final do período. Esta última freguesia, encravada entre a Mata do Camarido, a estrada real e o monte, evitou a desertificação chamando a si nubentes de fora (exogamia entre 58-62%), destacando-se em número assinalável os oriundos da Galiza (principalmente mulheres) e de concelhos limítrofes.

Tabela 4. Origem dos nubentes de fora nas freguesias do litoral (1615-1910)

Origem dos Nubentes de Fora	Ânc	ora:		raia de cora	Mol	edo	Cristelo		
-	н	М	н	М	н	М	н	М	
Concelho de Caminha	38,4	30,4	41,9	32,9	59,0	56,7	87,5	45,2	
Concelhos vizinhos (PL, VNC, VCT)	40,4	40,2	23,3	29,5	14,7	25,0	5,0	23,8	
Outros concelhos do Alto Minho	9,8	7,6	10,5	9,6	3,8	1,9	0,8	2,4	
Resto do país	9,1	13,0	15,7	12,7	14,3	9,6	2,5	2,4	
Galiza	2,3	8,7	6,8	9,2	6,4	6,7	4,2	26,2	
Outros/indeterminados	0,0	0,0	1,8	6,1	1,9	0,0	0,0	0,0	
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	

Fonte: ADVCT — Registos Paroquiais, Livros de Registos de Casamentos do concelho de Caminha (1615-1910)

7. A MOBILIDADE MARITAL NAS FREGUESIAS RIBEIRINHAS

A desembocadura conjunta dos rios Minho e Coura e a posição geográfica em triângulo avançado sobre o território envolvente, definiram a evolução histórica e populacional de Caminha. Vilarelho, núcleo populacional que esteve na origem da formação de Caminha, beneficiou da saturação demográfica dentro das muralhas caminhenses, transformando-se em território extramuros. A extensa comunidade de Seixas, de pescadores e de barqueiros entre margens e rio acima, mas também de significativa mobilidade masculina, tirava partido da sua posição privilegiada de passagem fluvial obrigatória sobre o rio Coura. Vilar de Mouros, localizada em zona fértil de vale, constituía um

nó importante de passagem da via interior concelhia onde a ponte medieval assinalava a sua importância.

Em 1758, o pároco de Caminha realçava a existência da «praça muito antiga, a qual tem muros antigos e também outros mais modernos». Informava que o «rio Minho era navegável de barcos, lanchas e iates [...] e não é muito capaz para outras embarcações por causa da barra ter em alguns tempos suas areias». Em Vilarelho, mencionouse que a «igreja foi a primeira fundamental por isso se chama Igreja Velha de Caminha [...] e como naquele tempo não havia muralhas, toda a freguesia era uma e depois se fizeram muralhas, se dividiu».

Já em Seixas, para além da existência da secular feira franca, salinas e do transporte fluvial e terrestre, o pároco destacou que «pela barra do rio Minho, entravam caravelas, patachos e lanchas com ferro de Biscaia e outras partes, madeiras, louças, cal, trigo, sal e outras "mercancias" com destino a Vila Nova de Cerveira e a Valença».

Na freguesia de Vilar de Mouros, localizada «em uma baixa de montes [...], o rio Coura era caudaloso e corria todo o ano [...], era navegável até à ponte, utilizando-se barcos «que andam à vara e também a remos». Esta abundância de águas e de terras férteis alimentava «vinte e sete moinhos, localizados em açudes ou levadas [...] todos em fiada pela encosta abaixo».

Como reflete o Gráfico 6, é a sede concelhia que lidera o volume de casamentos (em particular até 1680). A partir de então, a freguesia de Seixas acompanhou, em paralelo, as mesmas tendências — estagnação populacional até às primeiras décadas de Oitocentos, seguindo-se um importante aumento do volume de matrimónios até 1910. Nas freguesias de Vilar de Mouros e de Vilarelho o movimento de casamentos mantém-se relativamente estável.

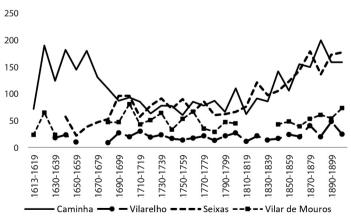


Gráfico 6. Movimento de casamentos nas freguesias ribeirinhas (décadas)

Como refletem o Anexo 4 e a Tabela 5, Caminha conheceu forte regressão matrimonial durante o século XVIII e a principal atividade económica (relacionada com o transporte marítimo e fluvial) retrocedeu com o mini glaciar dos séculos XVI-XVIII¹⁴. A realidade da sede concelhia é única. Atraindo apenas 18,7% e 36,7% de noivos e noivas do seu próprio concelho (ou pelo contrário, repelindo-os, evitando a ascensão social), a freguesia de Caminha alargou sucessivamente o mercado matrimonial para os concelhos vizinhos, distrito, resto do país e raia transfronteiriça. Nobreza de toga, clerezia, comunidades religiosas, mercadores, militares, pescadores, constituíam alguns dos seus grupos socioprofissionais. Já no século XIX, a ponte de madeira construída em 1839 (que uniu as margens do rio Coura) e a chegada do comboio em 1878, cooperaram para o seu desenvolvimento económico. A endogamia desceu de 51,7% para 38,4%.

Como freguesia satélite de Caminha, Vilarelho beneficiou de idêntica atratividade — de uma taxa inicial de endogamia de 56,9%, quedou-se no final do período em 25,8%.

A populosa comunidade ribeirinha de Seixas, como é próprio de comunidades marítimas onde os comportamentos de nupcialidade e fecundidade exibem, por norma, forte aceleração¹⁵, caracterizou-se pela forte endogamia marital até meados de Oitocentos (entre 67,4%-83,7%). A partir de então, nubentes do exterior, principalmente do Alto Minho e da Galiza, contribuíram para o crescimento do volume de casamentos, contrabalançando a forte emigração dos naturais para o Brasil, em consequência da construção das novas infraestruturas terrestres e ferroviárias, que lhes retiraram o monopólio dos transportes entre margens.

Em Vilar de Mouros viveu-se um cenário idêntico. De apreciável extensão agrícola e quintas geridas por elites, apresentou uma endogamia entre 69,3%-76,5% até inícios do século XIX. A posterior emigração masculina e necessidade de mão de obra agrícola obrigou ao alargamento do mercado matrimonial para freguesias e concelhos vizinhos, assim como para a Galiza.

¹⁴ ABREU, 1987: 55-85; REGO, 2018: 29-42.

¹⁵ REGO, 2014: 25-46.

Tabela 5. Origem dos nubentes de fora nas freguesias ribeirinhas (1615-1910)

Origem dos Nubentes de Fora	Cam	inha	Vila	relho	Sei	xas	Vilar de Mouros		
	н	М	н	М	Н	М	Н	М	
Concelho de Caminha	18,7	36,7	50,0	66,0	36,7	30,3	52,7	44,0	
Concelhos vizinhos (PL, VNC, VCT)	13,6	18,1	8,7	8,8	28,4	18,8	28,5	36,2	
Restantes concelhos do Alto Minho	19,7	17,8	10,5	6,2	8,9	12,0	5,5	5,0	
Resto do país	37,1	9,6	18,8	2,0	16,1	13,0	3,3	4,3	
Galiza	9,2	16,4	10,9	16,3	8,2	22,5	8,9	9,9	
Outros	1,7	1,4	1,1	0,7	1,7	3,4	1,1	0,6	
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	

8. A MOBILIDADE MARITAL NO CONCELHO DE CAMINHA

Considerando o período total, foi calculado o volume dos nubentes «de fora», segundo o número de casamentos decorridos em cada paróquia e respetivo peso proporcional.

Pela análise da Tabela 6, concluímos que em cerca de 47,8% dos casos (46,3% para noivos e 51,5% para noivas), os nubentes pertenciam ao concelho de Caminha. Podemos, assim, concluir que predominou a exogamia marital no concelho de Caminha. Apesar de tudo, verificámos até agora que este valor global encerra múltiplas realidades e facetas paroquiais e que a atração exterior sobre o território se concentrou, em peso, a partir de 1850, momento de abertura plena do mercado matrimonial ao exterior.

Tabela 6. Origem dos nubentes de fora no concelho de Caminha (1615-1910)

0: 1 11 1 1 5	v	ilar de Mourd	os
Origem dos Nubentes de Fora	М	н	H+M
Concelho de Caminha	46,3	51,5	47,8
Concelhos vizinhos (PL, VNC, VCT)	20,8	21,1	20,9
Restantes concelhos do Alto Minho	10,0	8,9	9,7
Resto do país	15,7	6,8	13,1
Galiza	6,1	10,1	7,3
Outros	1,1	1,6	1,2
Total	100,0	100,0	100,0
Total de nubentes de fora	6 062	2 453	8 515

Considerando, igualmente, os movimentos de curta, média e longa distância, nos quais se incluem os de natureza marital, concluímos que se trata de movimentos de micromobilidade ou mobilidade interparoquial de proximidade. De facto, na grande esmagadora maioria dos casos, a distância percorrida pelos nubentes do exterior não ultrapassou os 4 quilómetros quando contraíram matrimónio.

No núcleo serrano e na freguesia de Gondar, no sopé da serra, os nubentes do exterior percorriam cerca de 7 a 13 quilómetros para aí contrair matrimónio, destacando-se, nestes casos, as freguesias do lado oposto da montanha. Nesta perspetiva, podemos falar de mobilidade marital de *curta* distância, envolvendo comunidades pertencentes a outros concelhos limítrofes.

Esta era a realidade para a maioria dos elementos masculinos, já que as noivas de fora do concelho praticamente se limitavam ao mercado matrimonial interparoquial (72,6%). Padrões culturais, acrescidos da proteção familiar subjacente à sua condição e género, limitavam a maioria de ultrapassar o raio de conforto das paróquias vizinhas à sua. Encontravam-se igualmente subjacentes estratégias de reprodução social e de património, em redes de parentelas consanguíneas e de afinidade. Procurava-se estender o domínio sobre a terra agrícola através do casamento nas freguesias contíguas onde, frequentemente, viviam parentela consanguínea. O raio da jorna de trabalho continuava em limites aceitáveis para a condição feminina. Esta conclusão parece evidente pela reduzida ou nula permeabilidade matrimonial entre as freguesias do Vale do Âncora e do Vale do Coura.

De *média* distância podemos considerar a mobilidade galega¹⁶. A origem da maioria dos nubentes ligava-se a comunidades galegas da raia transfronteiriça, viradas ao território de Caminha. O transporte por barca facilitava a permeabilidade das populações, numa distância que, por via fluvial, se aproximava da milha marítima (perto de 2 quilómetros)¹⁷. Idêntico cenário se colocou aquando da fixação da colónia de pescadores galegos em Vila Praia de Âncora, vindos maioritariamente de A Guarda. As pequenas embarcações de pesca facilitavam as migrações e a distância, por via marítima, não ultrapassava as 4 milhas, ou seja, cerca de 7/8 quilómetros.

Os nubentes da Galiza fixaram-se principalmente juntos às linhas de água e ao oceano, incluindo também algumas freguesias com necessidade de mão de obra agrícola. Nenhum nubente galego foi encontrado nas três freguesias serranas, ou em Gondar ou Vile, devido à natureza inóspita e aspereza do clima.

O peso dos nubentes dos restantes concelhos do distrito de Viana do Castelo (excluídos os concelhos limítrofes do concelho de Caminha) apresenta-se residual e quase sempre inferior ao do resto do país. Neste último caso, torna-se necessário destacar o extraordinário número de militares (e de famílias) que se fixaram na sede concelhia após a Restauração.

¹⁶ No início do período, foram encontrados noivos(as) cuja origem foi somente assinalada como «Galiza».

¹⁷ Uma milha marítima corresponde a 1852 metros.

Contudo, foram encontrados os maiores níveis de exogamia nas freguesias que se caracterizavam por forte isolamento e, concomitantemente, em risco de desertificação (Gráficos 7 e 8). Neste conjunto, encontravam-se as paróquias de Arga de São João, Azevedo, Cristelo, Gondar e Vile. A paróquia de Vilarelho constitui a exceção à regra já que foi encontrado um elevado grau de exogamia que se relacionava com a fixação de populações no perímetro externo do amuralhado de Caminha.

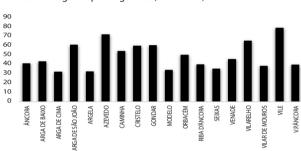


Gráfico 7. Exogamia por freguesias (1615-1910)

Fonte: ADVCT — *Registos Paroquiais*, Livros de Registos de Casamentos do concelho de Caminha (1615-1910)

Em concordância (Gráfico 8) concluímos novamente que os valores associados aos noivos do exterior foram sempre mais elevados relativamente aos das noivas em iguais circunstâncias, devido, principalmente, às limitações impostas à mobilidade feminina. No primeiro caso, os valores mais altos foram encontrados nas freguesias de Arga de São João, Azevedo, Vilarelho, Cristelo, Gondar e Vile. Para as noivas do exterior, nas freguesias de Azevedo, Vilarelho, Venade, Gondar e Orbacém.

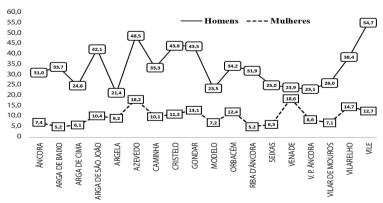


Gráfico 8. Exogamia segundo as freguesias e sexo dos nubentes (1615-1910)

Pelo Gráfico 9, verificamos que no concelho de Caminha a endogamia matrimonial predominou durante o século XVII (60,9%). Na centúria seguinte, o mercado nupcial abriu-se lentamente ao exterior (endogamia desceu para 53,5%) e em meados de Oitocentos, os valores respetivos sobrepuseram-se (50%). Após esta data, a atração exercida pelo concelho de Caminha adquiriu grande relevo, invertendo-se definitivamente a dinâmica matrimonial. A exogamia marital atingiu, então, 58,8%.

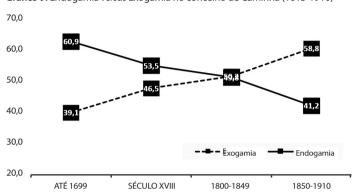


Gráfico 9. Endogamia versus Exogamia no concelho de Caminha (1615-1910)

Fonte: ADVCT — *Registos Paroquiais*, Livros de Registos de Casamentos do concelho de Caminha (1615-1910)

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

A morfologia do território e a falta de acessibilidades conduziram ao isolamento de algumas comunidades, condicionando igualmente a contração das núpcias. Parece evidente que a crise climática, que cavalgou do século XVII para o século XVIII, provocou efeitos negativos nas condições de vida das populações. As informações provenientes das Memórias Paroquiais remetem-nos para o assoreamento de barras de mar e de rios e decréscimo das atividades fluviais e marítimas, para a intervenção humana no sentido de criar barreiras de matas de forma a impedir o avanço das areias ou para as consequências nefastas dos ventos intensos e frios sobre as produções agrícolas.

Outros condicionantes não menos importantes (eventualmente relacionáveis com as condições climáticas) prendem-se com as estratégias familiares de reprodução social. O predomínio da pequena propriedade no Alto Minho introduziu fortes travões no acesso à herança e ao património, evitando deste modo a sua pulverização.

O desequilíbrio entre recursos e populações abriu portas para uma elevada mobilidade masculina. O celibato definitivo feminino atingiu valores muitos elevados comparados com os de outras regiões. Tudo indica que a entrada de nubentes de «fora» veio suprir as necessidades de um mercado matrimonial desequilibrado, principalmente naquelas paróquias em que as migrações masculinas eram mais significativas.

Caminha. Seixas e Vila Praia de Âncora constituíram as freguesias que causaram maior impacto no exterior, com forte expansão do mercado matrimonial, atraindo sobre si populações exógenas.

As novas estruturas terrestres e ferroviários contribuíram para uma maior abertura do concelho, oferecendo perspetivas de melhoria das condições de vida às comunidades mais próximas, mas também a investidores, muitos destes emigrantes bem-sucedidos. O desenvolvimento da pesca, da atividade marítima e dos banhos terapêuticos ao longo do século XIX atuaram também como novas alavancas económicas, impulsionando fortemente o alargamento da mobilidade marital.

FONTES

Arquivo Distrital de Viana do Castelo

ADVCT — *Registos Paroquiais*, Livros de Registos de Casamentos do concelho de Caminha (1615-1910). Disponível em ">https://digitarq.advct.arquivos.pt/results?lg=Fonds&p0=CompleteUnitId&o0=11&v0=PT%2fADVCT%2fPRQ%2fPCMN%25>">https://digitarq.advct.arquivos.pt/results?lg=Fonds&p0=CompleteUnitId&o0=11&v0=PT%2fADVCT%2fPRQ%2fPCMN%25>">https://digitarq.advct.arquivos.pt/results?lg=Fonds&p0=CompleteUnitId&o0=11&v0=PT%2fADVCT%2fPRQ%2fPCMN%25>">https://digitarq.advct.arquivos.pt/results?lg=Fonds&p0=CompleteUnitId&o0=11&v0=PT%2fADVCT%2fPRQ%2fPCMN%25>">https://digitarq.advct.arquivos.pt/results?lg=Fonds&p0=CompleteUnitId&o0=11&v0=PT%2fADVCT%2fPRQ%2fPCMN%25>">https://digitarq.advct.arquivos.pt/results?lg=Fonds&p0=CompleteUnitId&o0=11&v0=PT%2fADVCT%2fPRQ%2fPCMN%25>">https://digitarq.advct.arquivos.pt/results?lg=Fonds&p0=CompleteUnitId&o0=11&v0=PT%2fADVCT%2fPRQ%2fPCMN%25>">https://digitarq.advct.arquivos.pt/results?lg=Fonds&p0=CompleteUnitId&o0=11&v0=PT%2fADVCT%2fPRQ%2fPCMN%25>">https://digitarq.advct.arquivos.pt/results?lg=Fonds&p0=CompleteUnitId&o0=11&v0=PT%2fADVCT%2fPRQ%2fPCMN%25>">https://digitarq.advct.arquivos.pt/results?lg=Fonds&p0=CompleteUnitId&o0=11&v0=PT%2fADVCT%2fPRQ%2fPCMN%2f>">https://digitarq.advct.arquivos.pt/results?lg=Fonds&p0=CompleteUnitId&o0=11&v0=PT%2fADVCT%2fPRQ%2fPCMN%2f>">https://digitarq.advct.arquivos.pt/results?lg=Fonds&p0=CompleteUnitId&o0=11&v0=PT%2fADVCT%2fPRQ%2fPCMN%2f>">https://digitarq.advct.arquivos.pt/results?lg=Fonds&p0=CompleteUnitId&o0=11&v0=PT%2fADVCT%2fPRQ%2fPCMN%2f>">https://digitarq.advct.arquivos.pt/results?lg=Fonds&p0=CompleteUnitId&o0=11&v0=PT%2fADVCT%2fPRQ%2fPCMN%2f>">https://digitarq.advct.arquivos.pt/results?lg=Fonds&p0=CompleteUnitId&o0=11&v0=PT%2fADVCT%2fPRQ%2fPCMN%2f>">https://digitarq.advct.arquivos.pt/results?lg=Fonds&p0=CompleteUnitId&o0=11&v0=PT%2fADVCT%2fPRQ%2fPCMN%2f>">https://digitarq.advct.arquivos.pt/results?lg=Fonds&p0=CompleteUnitId&o0=11&v0=PT%2fADV

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Alberto Antunes (1987) *Aspetos da crise climática dos séculos XVI-XVIII no Noroeste de Portugal.* «Cadernos Vianenses», n.º 10, p. 55-85.
- AMORIM, Maria Norberta (1991) *Uma metodologia de Reconstituição de Paróquias desenvolvida sobre registos paroquiais portugueses.* «Boletín de la Asociación de Demografía Histórica», vol. IX, n.º 1, p. 7-25.
- BLANCO CARRASCO, José Pablo (2012) Consanguinidad, exogamia y estrategias colectivas en la sociedad moderna. Reflexiones en torno a un ejemplo rural (1700-1820). «Revista de Demografía Histórica», vol. 30, n.º 2, segunda época, pp. 25-54.
- CAPELA, José Viriato, coord. (2005) As Freguesias do Distrito de Viana do Castelo nas Memórias Paroquiais de 1758 Alto Minho: Memória, História e Património. Monção: Casa Museu de Monção; Braga: Universidade do Minho.
- DECRETO-LEI n.º 48590. «Diário do Governo I Série», 228 (1968-09-26) 1501-1502.
- LAGIDO, Emília (2004) Santa Maria de Âncora (1624-1910). População e Sociedade. Braga: Universidade do Minho. Dissertação de Mestrado.
- O'NEIL, Brian Juan (1984) Proprietários, Lavradores e Jornaleiras. Lisboa: Publicações D. Quixote.
- REBELLO, João Pacheco Teixeira, ed. (1896) Colecção completa de legislação eclesiastico-civil desde 1832 até ao presente. Porto: Tipografia Gutemberg.
- REGO, Aurora Botão (2013a) *De Santa Marinha de Âncora a Vila Praia de Âncora (1624-1924). Demo-grafia, Sociedade e Família.* Vila Praia de Âncora: Junta de Freguesia de Vila Praia de Âncora.
- _____ (2013b) O concelho de Caminha. População, património e economia (1758-1849). Caminha: Universidade Sénior de Caminha/Fundação da Caixa de Crédito Agrícola.
- (2014) Lavradores/canteiros e Pescadores: Os da linha de cima e os da linha de baixo. O caso de Vila Praia de Âncora. «Revista de Estudos Regionais», II.ª Série, n.º 8, p. 25-46.
- (2018) A morte ao sabor da corrente nas águas do mar e do rio. mareantes, pescadores e cativos (séculos XVII-XIX). «Centro de Estudos Regionais», II.ª Série, n.º 12, p. 29-46.
- VALERO LOBO, Angeles (1984) *Edad media de acesso ao matrimónio en España. Siglos XVI-XIX.* «Boletin de la Asociación de Demografia Histórica», vol. 2, n.º 2, p. 39-48.

ANEXOS

Anexo 1. Movimento de casamentos no concelho de Caminha (1615-1910)

Serra d'A	lrga	Vale do Âr	ncora	Vale do C	oura	Zona lite	oral	Zona ribei	rinha
Freguesia	n.º	Freguesia	n.º	Freguesia	n.º	Freguesia	n.º	Freguesia	n.º
Arga Baixo	383	Gondar	572	Argela	683	Âncora	972	Caminha	3.412
Arga de Cima	214	Orbacém	761	761 Azevedo		Cristelo	249	Seixas	2.484
Arga de São João	164	Riba d'Âncora	1.013	Venade	1.623	Moledo	1.005	Vilar de Mouros	1.170
		Vile	212			Vila Praia de Âncora	1.546	Vilarelho	563

Fonte: ADVCT — Registos Paroquiais, Livros de Registos de Casamentos do concelho de Caminha (1615-1910)

Anexo 2. Casamentos endogâmicos e exogâmicos na Serra d'Arga

				_			Exo	gamia Į	oor géne	eros	
Períodos	Casamentos	Endo	gamia	Exog	jamia	H de	fora	M de	fora	H+M c	le fora
		n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%
Freguesia de Arg	a de Cima							,			
1632-1699	56	35	62,5	21	37,5	18	32,1	2	3,6	1	1,8
1700-1799	95	72	75,8	23	24,2	16	16,8	7	7,4	0	0,0
1861-1908	63	39	61,9	24	38,1	19	30,2	4	6,4	1	1,6
Total	214	146	68,2	68	31,8	53	24,8	13	6,1	2	0,9
Freguesia de Arg	a de Baixo										
1643-1699	92	55	59,8	37	40,2	34	37,0	3	3,3	0	0,0
1700-1799	140	85	60,7	55	39,3	39	27,9	7	5,0	9	6,4
1800-1849	56	27	48,2	29	51,8	22	39,3	5	8,9	2	3,6
1850-1910	95	52	54,74	43	45,3	34	35,8	5	5,3	4	4,2
Total	383	219	57,2	164	42,8	129	33,7	20	5,2	15	3,9
Freguesia de Arg	a de São João										
1683-1799	93	39	41,9	54	58,1	41	44,1	6	6,5	7	7,5
1800-1849	36	18	50,0	18	50,0	10	27,8	5	13,9	3	8,3
1850-1910	35	8	22,9	27	77,1	18	51,4	6	17,1	3	8,6
Total	164	65	39,6	99	60,4	69	42,1	17	10,4	13	7,9

Anexo 3. Casamentos endogâmicos e exogâmicos no Vale do Âncora

							Exo	gamia _l	oor géne	eros	
Períodos	Casamentos	Endo	gamia	Exog	amia	H de	fora	M de	fora	H+M e	de fora
		n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%
Freguesia de Go	ndar										
1604-1699	164	72	43,9	92	56,1	68	41,5	18	11,0	6	3,7
1700-1799	200	81	40,5	119	59,5	96	48,0	19	9,5	4	2,0
1800-1849	96	43	44,8	53	55,2	30	31,3	22	22,9	1	1,0
1850-1910	112	33	29,5	79	70,5	55	49,1	16	14,3	8	7,1
Total	572	229	40,0	343	60,0	249	43,5	75	13,1	19	3,3
Freguesia de Orl	pacém										
1666-1699	124	74	59,7	50	40,3	41	33,1	7	5,7	2	1,6
1700-1799	318	166	52,2	152	47,8	122	38,4	23	7,2	7	2,2
1800-1849	140	49	35,0	91	65,0	40	28,6	20	14,3	8	5,7
1850-1910	179	93	52,0	86	48,0	57	31,8	44	24,6	8	4,5
Total	761	382	50,2	379	49,8	260	34,2	94	12,4	25	3,3
Freguesia de Vile	2			,							
1621-1699	54	25	46,3	29	53,7	28	51,9	3	5,6	0	0,0
1700-1799	38	3	7,9	35	92,1	30	79,0	3	7,9	1	2,6
1800-1849	49	7	14,3	42	85,7	24	49,0	12	24,5	6	12,2
1850-1910	71	11	15,5	60	84,5	34	47,9	9	12,7	16	22,5
Total	212	46	21,7	166	78,3	116	54,7	27	12,7	23	10,9
Freguesia de Rib	a d'Âncora										
1614-1699	373	269	72,1	104	27,9	97	26,0	7	1,9	0	0,0
1700-1799	285	187	65,6	98	34,4	91	31,9	4	1,4	3	1,1
1800-1849	131	76	58,0	55	42,0	40	30,5	13	9,9	2	1,5
1850-1910	224	79	35,3	145	64,7	95	42,4	29	13,0	21	9,4
Total	1013	611	60,3	402	39,7	323	31,9	53	5,2	26	2,6

Anexo 4. Casamentos endogâmicos e exogâmicos no Vale do Coura

		Ford		F			Exo	gamia _l	por gén	eros	
Períodos	Casamentos	Endo	gamia	Exog	jamia	H de	fora	M de	e fora	H+M o	de fora
		n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%
Freguesia de Aze	evedo										
1619-1699	80	24	30,0	56	70,0	41	51,3	12	15,0	3	3,8
1700-1799	91	25	27,5	66	72,5	47	51,7	13	14,3	6	6,6
1800-1849	47	17	36,2	30	63,8	21	44,7	8	17,0	1	2,1
1850-1910	79	19	24,1	60	76,0	35	44,3	21	26,6	4	5,1
Total	297	85	28,6	212	71,4	144	48,5	54	18,2	14	4,7
Freguesia de Ver	nade									'	
1565-1699	353	195	55,2	158	44,8	77	21,8	75	21,3	6	1,7
1700-1799	548	300	54,7	248	45,3	149	27,2	84	15,3	15	2,7
1800-1849	272	146	53,7	126	46,3	64	23,5	52	19,1	10	3,7
1850-1910	450	246	54,7	204	45,3	98	21,8	90	20,0	16	3,6
Total	1623	887	54,7	736	45,4	388	23,9	301	18,6	47	2,9
Freguesia de Arg	gela			ı		l .	l .				
1653-1699	187	163	87,2	24	12,8	16	8,6	8	4,3	0	0,0
1700-1799	240	152	63,3	88	36,7	59	24,6	25	10,4	4	1,7
1800-1849	96	49	51,0	47	49,0	34	35,4	10	10,4	3	3,1
1850-1910	160	99	61,9	61	38,1	37	23,1	20	12,5	4	2,5
Total	683	463	67,8	220	32,2	146	21,4	63	9,2	11	1,6

Anexo 5. Casamentos endogâmicos e exogâmicos nas freguesias do litoral

				_			Exo	gamia Į	or gén	eros	
Períodos	Casamentos	Endo	gamia	Exog	amia	H de	fora	M de	fora	H+M c	de fora
		n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%
Freguesia de Ânc	ora										
1584-1699	313	199	63,6	114	36,4	83	26,5	26	8,3	5	1,6
1700-1799	341	214	62,8	127	37,2	109	32,0	18	5,3	0	0,0
1800-1849	135	84	62,2	51	37,8	38	28,2	9	6,7	4	3,0
1850-1910	190	83	43,7	107	56,3	73	38,4	19	10,0	15	7,9
Total	979	580	59,2	399	40,8	303	31,0	72	7,4	24	2,5
Freguesia de Vila	Praia de Âncora										
1646-1699	305	231	75,7	74	24,3	67	22,0	3	1,0	4	1,3
1700-1799	475	343	72,2	132	27,8	108	22,7	15	3,2	9	1,9
1800-1849	224	133	59,4	91	40,6	60	26,8	22	9,8	9	4,0
1850-1910	762	362	47,5	400	52,5	173	22,7	112	14,7	115	15,1
Total	1766	1069	60,5	697	39,5	408	23,1	152	8,6	137	7,8
Freguesia de Moi	ledo			ı							
1631-1699	315	227	72,1	88	27,9	74	23,5	10	3,2	4	1,3
1700-1799	261	209	80,1	52	19,9	44	16,9	6	2,3	2	0,8
1800-1849	160	120	75,0	40	25,0	30	18,8	10	6,3	0	0,0
1850-1910	269	109	40,5	160	59,5	88	32,7	46	17,1	26	9,7
Total	1005	665	66,2	340	33,8	236	23,5	72	7,2	32	3,2
Freguesia de Cris	telo										
1614-1699	61	23	37,7	38	62,3	35	57,4	2	3,3	1	1,6
1700-1770	64	26	40,6	38	59,4	33	51,6	3	4,7	3	4,7
1813-1910	124	52	41,9	72	58,1	40	33,1	23	18,6	8	6,5
Total	249	101	40,6	148	59,4	108	43,8	28	11,2	12	4,8

Anexo 6. Casamentos endogâmicos e exogâmicos nas freguesias ribeirinhas

				_			Exo	gamia _l	or gén	eros	
Períodos	Casamentos	Endo	gamia	Exog	amia	H de	fora	M de	fora	Н+М с	de fora
		n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%
Freguesia de Cal	minha										
1613-1699	1219	630	51,7	589	48,3	489	40,1	42	3,4	58	4,8
1700-1799	772	339	43,9	433	56,1	222	28,8	93	12,0	118	15,3
1800-1849	491	252	51,3	239	48,7	112	22,8	97	19,8	30	6,1
1850-1910	929	357	38,4	572	61,6	314	33,8	111	11,9	147	15,8
Total	3411	1578	46,3	1833	53,7	1137	33,3	343	10,1	353	10,3
Freguesia de Vila	arelho										
1629-1699	102	58	56,9	44	43,1	37	36,3	4	3,9	3	2,9
1700-1799	194	70	36,1	124	63,9	84	43,3	28	14,4	12	6,2
1800-1849	89	25	28,1	64	71,9	42	47,2	17	19,1	5	5,6
1850-1910	178	46	25,8	132	74,2	53	29,8	34	19,1	45	25,3
Total	563	199	35,4	364	64,7	216	38,4	83	14,7	65	11,6
Freguesia de Sei.	xas										
1635-1699	331	277	83,7	54	16,3	44	13,3	9	1,0	1	0,3
1700-1799	377	254	67,4	123	32,6	93	24,7	25	6,6	5	1,3
1800-1849	465	333	71,6	132	28,4	88	18,9	34	7,3	10	2,2
1850-1910	911	491	53,9	420	46,1	296	32,5	64	7,0	60	6,6
Total	2084	1355	65,0	729	35,0	521	25,0	132	6,3	76	3,7
Freguesia de Vila	ar de Mouros							,		,	
1603-1699	251	192	76,5	59	23,5	55	21,9	2	0,8	2	0,8
1700-1809	548	380	69,3	168	30,7	127	23,2	22	4,0	19	3,5
1839-1910	371	153	41,2	218	58,8	122	32,9	59	15,9	37	10,0
Total	1170	725	62,0	445	38,0	304	26,0	83	7,1	58	5,0